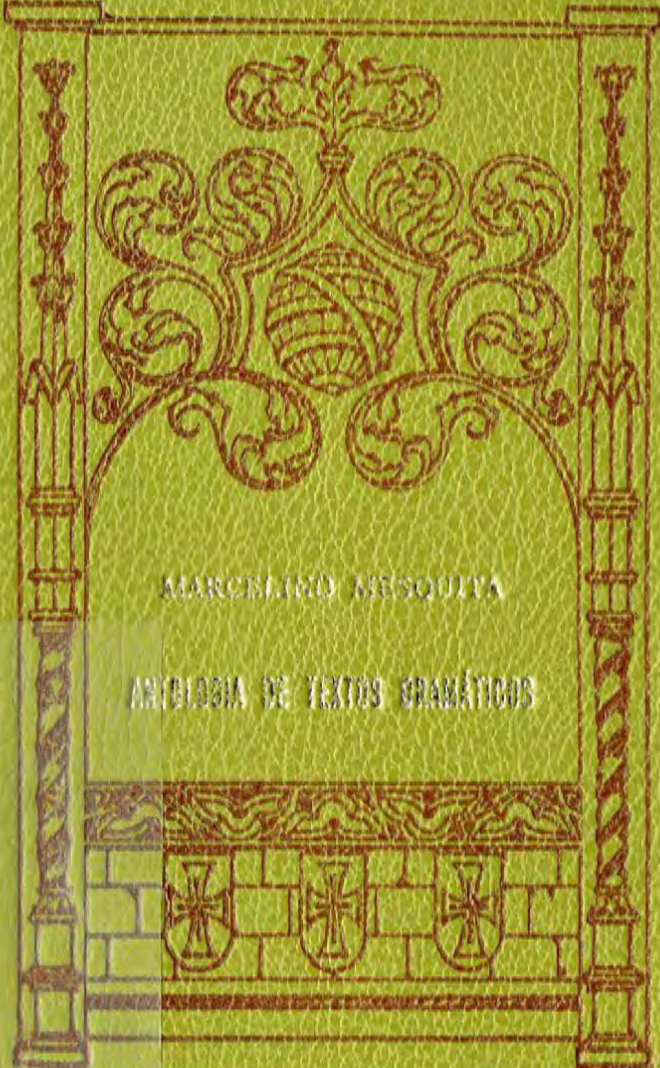




MARCELINO MESQUITA

ANTOLOGIA DE TEXTOS GRAMÁTICOS

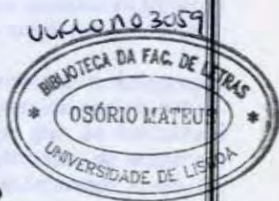
MARCELINO MESQUITA

ANTOLOGIA DE TEXTOS DRAMÁTICOS

Seleção de textos e Introdução

DE

MARIA INÊS CASTELO BRANCO



1981

LELLO & IRMÃO — EDITORES
PORTO

ENVELHECER

Peça em 4 actos

PERSONAGENS

DR. ALVES MARTINS, *médico e professor de fama; 54 anos, grisalho.*

EDUARDO DE MELO, *ex-diplomata; 50 anos, tipo fino e gasto.*

DR. JOÃO VEIGA, *advogado, 50 anos. Bem conservado.*

MANUEL ÁVILA, *tipo aloirado, 25 anos, vulgar.*

LUÍSA MARTINS, *cabelo e olhos pretos, 20 anos, bela.*

A CONDESSA OCTÁVIA, *tipo meridional, 45 anos, branqueando; restos de antiga beleza.*

JOÃO MENDES

JOSÉ DE CASTRO } *Entre 20 e 30 anos.*

MANUEL TELES }

MARIA EMÍLIA

ANTÓNIA BRAGA } *Entre 20 e 25 anos.*

MARIA DO CARMO }

UM CRIADO VELHO *70 anos.*

UMA CRIADA NOVA *20 anos.*

Criados, convidados.

Lisboa — Actualidade.



ACTO I

Escritório luxuoso, em casa de Eduardo de Melo. Estantes com livros; sobre o lambris alto, fotografias, pequenos objectos de arte; sobre as estantes, jarras, estatuetas; a um lado um grande espelho de Veneza; no outro um fogão. Ao fundo (*lado do fogão*) um arco fechado por um amplo reposteiro, caído. Secretária, cadeiras, etc.

(*Ao levantar do pano* EDUARDO passeia, com ar triste, enquanto, à secretária, o DR. JOÃO VEIGA mete, numa pasta, papéis que examina com o olhar. Ao mesmo tempo a criada, de avental branco, prepara o chá, numa pequena mesa.)

VEIGA (*depois de largo silêncio*)

Estás descansado?

EDUARDO

Tudo em ordem?

VEIGA (*fechando a pasta*)

Tudo.

EDUARDO (*junto à mesa de chá*)

Que vinho preferes? Porto ou Madeira?

VEIGA

É-me indiferente.

.

CRIADA

É preciso servir o chá?

EDUARDO

Não: podes ir-te; se for preciso, chamo.
(*Serve. Pausa.*)

VEIGA

Quanto tempo tencionas demorar-te,
Eduardo?

EDUARDO

Um mês... talvez mais... não sei.

VEIGA

Um mês? Imaginei que ias estar, fora, mais
de um ano... por muito tempo, enfim.

EDUARDO

Porquê?

VEIGA

Era preciso fazeres testamento, deixares
tudo disposto como para uma longa ausência?

EDUARDO (*muito sério*)

Estou velho!

VEIGA (*surpreendido*)

Estás velho?

EDUARDO

Não?... Velhíssimo, João.

VEIGA

Velhíssimo?! Tu exageras. Há um tempo para cá... estranhámos-te, um pouco, é certo. És menos expansivo, embranqueceste, talvez, um tanto, não há dúvida; mas daí à velhice...

EDUARDO

Sinto-me doente.

VEIGA

Não tens esse aspecto. Uma doença moral?

EDUARDO

Meu caro João, eu sou, como tantos homens de hoje, que tendo acumulado durante anos, uma série de males, conseguem equilibrar-se, por uma vida calma. Aparentemente bons, no momento em que uma doença grave os alcança todo o organismo se perturba, e, apenas, dias de sofrimento revelam o estrago de anos.

VEIGA

Dá-se contigo o caso?

EDUARDO

Tu compreendes que não se passam, impunemente, mais de vinte anos pelas cortes de Viena e de Paris, não sendo um imbecil nem um aleijado, sem ter abusado dos nervos.

VEIGA

Parece que não poupaste os teus.

EDUARDO

A mocidade obriga. Fiz o que todos fazem, no meu caso. Cansado, senti que era tempo de me poupar um tanto... e vim...

VEIGA

E, descansaste; vives tranquilo...

EDUARDO (*com dor*)

Oh! Oh! Tranquilo... Vivi... vivi.

VEIGA

É uma surpresa, Eduardo. Não és feliz? Rico, considerado... um belo nome... Não és feliz?

EDUARDO (*convicto*)

Não.

VEIGA

Porquê?

EDUARDO

Não sabes porquê? É porque eu não tenho, já, um dia, uma hora, um minuto, de alegria

no mundo! (*Exaltado.*) Não tenho nem poderei ter jamais! Porque tudo me irrita; ouve, tudo me humilha, tudo me repele.

VEIGA (*espantado*)

A ti?

EDUARDO

A mim.

VEIGA

Começo a recear que estejas doente, Eduardo.

EDUARDO

Se o estou. Deixa-mo dizer-te... falar... Com ninguém mais poderia fazê-lo senão contigo.

VEIGA

Diz, fala.

EDUARDO

Não foste franco, há bocado. Tu devias ter-me dito — o que tens que há tanto te vejo, triste, concentrado, outro? A tua cara indica um sofrimento grande: porque sofres? A nossa velha amizade ter-to-ia permitido e eu ter-me-ia explicado... com prazer.

VEIGA

Não te via tão mal.

EDUARDO

Mas vês agora. Diz: vês ou não? (*Olhando-o fto.*) Se vês! Eu digo-te que sou o mais desgraçado dos homens, o mais lamentável, o mais

digno de piedade! Sobre a minha cabeça tu vês os sinais que deixam as noites mal dormidas, as agonias íntimas dos males irremediáveis. O que imaginas, tu, João, que me possa ter acontecido, que me aconteça, neste momento, para me torturar assim?

VEIGA

Espantas-me. O que poderei imaginar?...

EDUARDO

Uma coisa vulgar e estranha.

VEIGA

Que te moleste assim?

EDUARDO

Como um carrasco!

VEIGA

Não sei.

EDUARDO

Vou dizer-to... Não rias por piedade, não rias. Sabes, tu, o que me acontece? (*Pausa.*) Amo, amo, profunda e miseravelmente!

VEIGA

O mal não é tão grande...

EDUARDO

Que mate de chofre? antes matasse.

VEIGA

Não compreendo bem a situação. A mulher que amas é indigna do teu amor?

EDUARDO

A mais digna criatura da Terra.

VEIGA

Casada?

EDUARDO

Solteira.

VEIGA

Conhece o teu amor?

EDUARDO

Não.

VEIGA

Não lho podes dizer?

EDUARDO

Oh! Nunca.

VEIGA

Que mulher é, então?

EDUARDO

Ah! meu João; mas não se trata da mulher, trata-se de mim. Quem quer que seja a mulher, o amoroso sou eu, com estes cabelos, com esta barba a branquear, com cinquenta anos feitos e metade da vida gasta pelas alcovas discretas